

MARIA

UMA VIDA JUNTO DE JESUS



JOSÉ ANTONIO LOARTE

Maria, uma vida junto de Jesus

JOSÉ ANTONIO LOARTE

Narração em vinte cenas da vida da Virgem Maria, a partir dos Evangelhos e da tradição da Igreja.

Escritório de Informação
do Opus Dei, 2017

www.opusdei.org.br

Índice

Apresentação

A Imaculada Conceição

A Natividade de Nossa Senhora

Apresentação da Virgem

Os esponsais com José

A Anunciação de Nossa Senhora

Visitação à Santa Isabel

O nascimento de Jesus

Apresentação de Jesus no Templo

Adoração dos magos

A fuga para o Egito

Regresso a Nazaré

Jesus entre os doutores

Os anos de Nazaré

As bodas de Caná

Junto à Cruz de Jesus

Sepultura de Cristo

Ressurreição e Ascensão do Senhor

A vinda do Espírito Santo

Dormição e Assunção

Rainha e Senhora do universo

Apresentação

Escrever uma vida de Santa Maria não é fácil. Primeiro, porque o Evangelho fornece pouca informação sobre a Mãe de Deus e nossa Mãe, apesar de eles serem suficientes para nos maravilharmos com a santidade da Virgem Maria e termos uma devoção filial a ela. Além disso, há livros que usaram recursos exegéticos, históricos e literários para abordarem essa tarefa. Desde o Concílio Vaticano II, os estudos bíblicos têm enriquecido grandemente o nosso conhecimento da Virgem de Nazaré, destacando o lugar muito especial que ela tem na história da salvação.

Estas páginas, portanto, não pretendem ser uma narrativa histórica do caminho terreno da Mãe de Jesus. É, antes, um esboço biográfico redigido com uma linguagem acessível a todos, mas enraizada nas conquistas da mariologia contemporânea.

Em tempos anteriores ao Concílio Vaticano II, a mariologia (ramo da teologia dogmática que estuda a figura e o papel de Maria no plano divino da salvação) estudava a figura da Virgem de um ponto de vista devocional. Porém, o discurso não se apoiava na Escritura e na tradição patrística, e não era fácil integrar a componente devocional tão profundamente enraizada no povo cristão.

O Capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen Gentium* – dedicada à Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja – estava ciente destes problemas e tentou remediá-los. Baseando a mariologia nas suas fontes primárias e apresentando Maria no contexto da história da salvação e do mistério da Igreja, o Concílio conseguiu renovar esta parte da teologia em continuidade com a grande tradição da Igreja. Esse documento magisterial despertou em inúmeros teólogos o desejo de estudar com mais profundidade os dados da revelação (Escritura e Tradição) sobre a Santíssima Virgem.

Muitas dessas contribuições foram assumidas pelo magistério ordinário da Igreja: o Bem-aventurado Paulo VI, Bento XVI e especialmente São João Paulo II, que desenvolveu, durante vários anos, um ciclo de catequese semanal sobre Nossa Senhora. Os católicos temos uma dívida de gratidão especial a todos eles, pois fizeram possível que a figura de Maria brilhe com mais intensidade no firmamento da Igreja, dando um sólido fundamento teológico à devoção mariana.

No entanto, muitas vezes, essas contribuições não chegaram ao público em geral. Ficaram confinadas nos tratados de mariologia ou livros que só estão acessíveis aos especialistas. Esta é a razão que me levou a escrever estes episódios da vida de Maria. A primeira edição foi lançada em 2011, no site do Opus Dei. Aqui são recolhidos, na forma de livro eletrônico, os vinte capítulos que estruturam um retrato completo da Virgem Maria. Que estas páginas possam servir para que o leitor se maravilhe mais com as riquezas sobrenaturais que a Trindade derramou sobre Nossa Senhora, e que a devoção mariana, firmemente enraizada na Escritura, na Liturgia e no Magistério, penetre mais profundamente na sua vida.

José Antonio Loarte

Roma, 15 de agosto de 2015

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora

[Voltar ao índice](#)

A Imaculada Conceição

A história do homem sobre a terra é a história da misericórdia de Deus. Desde a eternidade, *antes da criação do mundo, escolheu-nos para que fossemos santos e sem mancha em sua presença, pelo amor (Ef 1, 4).*

Entretanto, por instigação do demônio, Adão e Eva se rebelaram contra o plano divino: sereis como Deus, *conhecedores do bem e do mal (Gn 3,5)*, tinha-lhes sussurrado o príncipe da mentira. E lhe deram ouvidos. Não quiseram dar crédito ao amor de Deus. Trataram de conseguir, por suas próprias forças, a felicidade a que haviam sido chamados.

Mas Deus não voltou atrás. Desde a eternidade, em sua Sabedoria e em seu Amor infinitos, prevendo o mau uso da liberdade por parte dos homens, havia decidido fazer-se um de nós, mediante a Encarnação do Verbo, segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Por isso, dirigindo-se a Satanás, que, sob a figura da serpente havia tentado Adão e Eva, o condenou: *Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela (Gn 3, 15)*. É o primeiro anúncio da Redenção, no qual já se entrevê a figura de uma Mulher, descendente de Eva, que será a Mãe do Redentor e, com Ele e sob Ele, esmagará a cabeça da serpente infernal. Uma luz de esperança se acende para o gênero humano, desde o próprio instante em que pecamos.

Começavam assim a cumprir-se as palavras inspiradas – escritas muitos séculos antes do nascimento da Virgem – que a liturgia põe nos lábios de Maria de Nazaré: *O Senhor me possuiu no principio de seus caminhos, antes que fizesse coisa alguma... Desde a eternidade fui formada, desde o começo, antes da terra. Quando não existiam os oceanos, fui dada à luz, quando não havia fontes repletas de água. Antes que se assentassem os montes, antes das colinas, fui dada à luz. Ainda não havia feito a terra nem os campos, nem o primeiro pó do mundo (Pr 8, 22-26).*

A Redenção do mundo estava em marcha desde o primeiro momento. A seguir, pouco a pouco, inspirados pelo Espírito Santo, os profetas foram descobrindo os traços dessa filha de Adão à que Deus – em previsão dos méritos de Cristo, Redentor universal do gênero humano – preservaria do pecado original e de todos os pecados pessoais, e encheria de graça, para fazer d'Ela a digna mãe do Verbo encarnado.

Ela é a virgem que conceberá e dará à luz um Filho, que se chamará Emanuel (*Is* 7, 14); está prefigurada em Judite, a heroína do povo hebreu, que alcançou vitória contra um inimigo poderoso, até o ponto em que a Ela, mais que a ninguém, se dirigem aqueles louvores: *Tu és a exaltação de Jerusalém, a grande glória de Israel, a grande honra de nossa gente... Bendita sejas tu da parte do Senhor onipotente para sempre (Jt* 15, 9-10).

Extasiados ante a beleza de Maria, os cristãos lhe têm dirigido sempre toda classe de louvores, que a Igreja recolhe na liturgia: horto cerrado, lírio entre espinhos, fonte selada, porta do céu, torre vitoriosa contra o dragão infernal, paraíso de delícias plantado por Deus, estrela guia dos náufragos, Mãe puríssima...

[Voltar ao índice](#)

A Natividade de Nossa Senhora

Muitos séculos tinham passado desde que Deus, às portas do Paraíso, prometera aos nossos primeiros pais a chegada do Messias. Centenas de anos em que a esperança do povo de Israel, depositário da promessa divina, se centrava numa donzela, da linhagem de Davi, que *está grávida e vai dar à luz um Filho, que deve se chamar Emanuel (Is 7, 14)*. Geração após geração, os israelitas piedosos tinham esperado o nascimento da Mãe do Messias, *aquela que haveria de dar à luz*, como anunciava Miquéias tendo em fundo a profecia de Isaías (cfr. *Mq 5, 2*).

Depois do regresso do exílio na Babilônia, a expectativa do Messias tinha-se tornado mais intensa por parte de Israel. Uma onda de emoção percorria aquela terra nos anos imediatamente antes da Era Cristã. Muitas antigas profecias pareciam apontar nessa direção. Homens e mulheres esperavam com ânsia a chegada do Desejado das nações. A um deles, o velho Simeão, o Espírito Santo tinha revelado que não morreria sem que os seus olhos tivessem visto a realização da promessa (cfr. *Lc 2, 26*). Ana, uma viúva de idade avançada, suplicava com jejuns e orações a redenção de Israel. Os dois gozaram do enorme privilégio de ver e tomar nos seus braços o Menino Jesus (cfr. *Lc 2, 25-38*).

Inclusive no mundo pagão — como afirmam alguns relatos da Roma antiga — não faltavam sinais de que algo muito grande se estava a gerar. A própria *pax romana*, a paz universal proclamada pelo imperador Otávio Augusto poucos anos antes do nascimento de Nosso Senhor, era um presságio de que o verdadeiro Príncipe da paz estava quase a vir à terra. Os tempos estavam maduros para receber o Salvador.

Mas, quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos (*Gl 4, 4-5*). Deus esmera-se na escolha da sua Filha, Esposa e Mãe. E a Virgem santa, a mais excelsa Senhora, a criatura mais amada por Deus, concebida sem pecado original, veio à terra. Nasceu no meio de um profundo silêncio. Dizem que no Outono, quando os campos dormem. Nenhum dos seus contemporâneos se deu conta do que estava a acontecer. Só os anjos do Céu festejaram.

“Pelo teu nascimento anunciaste a alegria a todo o mundo”.

Das duas genealogias de Cristo que aparecem nos evangelhos, a que recolhe São Lucas é muito provavelmente a de Maria. Sabemos que era de estirpe distinta, descendente de Davi, como tinha anunciado o profeta falando do Messias — *brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes (Is 11, 1)* — e como confirma São Paulo quando escreve aos Romanos acerca de Jesus Cristo, *nascido da linhagem de Davi segundo a carne (Rm 1, 3)*.

Um escrito apócrifo do século II, conhecido com o nome de *Proto-evangelho de Santiago*, transmitiu-nos os nomes dos seus pais — Joaquim e Ana — que a Igreja inscreveu no calendário litúrgico. Diversas tradições situam o lugar do nascimento de Maria na Galiléia ou, com maior probabilidade, na cidade santa de Jerusalém, onde se encontraram as ruínas de uma basílica bizantina do século V, edificada sobre a chamada casa de Santa Ana, muito perto da piscina Probática. Com razão a liturgia põe nos lábios de Maria umas frases do Antigo Testamento: *estabeleci-me em Sião. Na cidade amada Ele me fez repousar e em Jerusalém está o meu poder (Eclo 24, 10-11)*.

Até Maria nascer, a terra esteve às escuras, envolta nas trevas do pecado. Com o seu nascimento surgiu no mundo a aurora da salvação, como um presságio da proximidade do dia. Assim o reconhece a Igreja na festa da Natividade de Nossa Senhora: *pelo teu nascimento, Virgem Mãe de Deus, anunciaste a alegria a todo o mundo: de ti nasceu o Sol da justiça, Cristo, nosso Deus (Ofício de Laudes)*.

O mundo não o soube, então. A terra dormia.

[Voltar ao índice](#)

Apresentação da Virgem

Foram silenciosos, como sua humildade, os anos de infância de Maria Santíssima. A Sagrada Escritura nada diz deles. Os cristãos, no entanto, desejavam conhecer com mais detalhes a vida de Maria. Trata-se de uma aspiração legítima. E como os evangelhos guardam silêncio até o momento da Anunciação, a piedade popular, inspirada em várias passagens do Antigo e Novo Testamento, elaborou algumas narrativas singelas que depois fariam parte da arte, da poesia e da espiritualidade cristã.

Um desses episódios, quicá o mais representativo, é a Apresentação da Virgem. Maria é oferecida a Deus por seus pais, Joaquim e Ana, no Templo de Jerusalém; o mesmo em que outra Ana, mãe do profeta Samuel, ofereceu seu filho para o serviço de Deus no tabernáculo onde se manifestava sua glória (cfr. 1 *Sam* 1, 21-28). Da mesma forma, anos depois, Maria e José levariam Jesus recém nascido ao Templo para apresentá-lo ao Senhor (cfr. *Lc* 2, 22-38). De fato, não há uma história desses anos da Virgem, mas somente o que a tradição nos foi transmitindo. O primeiro texto escrito que refere ao episódio – dele dependem os numerosos depoimentos da tradição posterior – é o *Protoevangelho de São Tiago*, um escrito apócrifo do século II. Apócrifo significa que não pertence ao cânone dos livros inspirados por Deus. Não pertencer ao cânone, porém, não exclui a possibilidade de alguns desses relatos terem elementos verdadeiros. Com efeito, despojado dos detalhes possivelmente lendários, a Igreja incluiu esse episódio na liturgia: primeiro em Jerusalém, onde no ano 543 foi dedicada a basílica de Santa Maria Nova à memória da Apresentação; no século XIV, a festa passou ao Ocidente, onde sua comemoração litúrgica se fixou em 21 de novembro.

Maria no Templo. Toda a sua beleza e toda a sua graça – estava cheia de formosura na alma e no corpo – eram para o Senhor. Esse é o conteúdo teológico da festa da Apresentação da Virgem. É com isso em mente que a liturgia aplica à Virgem algumas frases dos livros sagrados: *Assim fui firmada em Sião; repousei na cidade santa, e em Jerusalém está a sede do meu poder. Lancei raízes no meio de um povo glorioso, cuja herança está na partilha de meu Deus; e fixei minha morada na assembléia dos santos.* (*Eccl* 24, 15-16).

Assim como Jesus quando foi apresentado no Templo, Maria continuaria vivendo com Joaquim e Ana uma vida normal. Onde Ela estivesse – sujeita a seus pais, crescendo até fazer-se

mulher —, ali estava a cheia de graça (Lc 1, 28), com o coração disposto para um serviço completo a Deus e a todos os homens, por amor a Deus.

A Virgem foi amadurecendo diante de Deus e diante dos homens. Ninguém notou nada de extraordinário em seu comportamento, embora seja certo que cativava quem dela se aproximava, porque a santidade atrai sempre; ainda mais no caso da Toda Santa. Era uma donzela sorridente, trabalhadora, sempre imersa em Deus. Ao seu lado, todos se sentiam bem. Nos momentos de oração, como boa conhecedora da Sagrada Escritura, repassaria repetidas vezes as profecias que anunciavam a chegada do Salvador. Fazia delas parte da sua vida, objeto da sua reflexão, motivo das suas conversas. Essa riqueza interior transbordaria depois no *Magnificat*, o esplêndido hino que pronunciou ao escutar a saudação de sua prima Isabel.

Tudo na Virgem Maria estava direcionado para a Santíssima Humanidade de Jesus Cristo, o verdadeiro Templo de Deus. A festa da sua Apresentação expressa essa pertença exclusiva de Nossa Senhora a Deus, a completa dedicação de sua alma e de seu corpo ao mistério da salvação, que é o mistério da aproximação do Criador à criatura.

Elevei-me como o cedro do Líbano, como o cipreste do monte Sião; cresci como a palmeira de Cades, como as roseiras de Jericó. Elevei-me como uma formosa oliveira nos campos, como um plátano no caminho à beira das águas (Eccl 24, 17-19). Santa Maria fez com que o amor de Deus florescesse ao seu redor. E o fez sem ser notada, porque as suas obras eram coisas de todos os dias, coisas pequenas cheias de amor.

[Voltar ao índice](#)

Os esponsais com José

Está próxima a plenitude dos tempos. A predestinada para ser Mãe de Deus ainda não o sabe. Cresceu e fez-se mulher. Mas a Trindade Santa prepara-lhe um matrimônio santo que guardará a sua virgindade. O Filho de Deus feito homem, Messias de Israel e Redentor do mundo, nascerá e crescerá no seio de uma família.

É muito provável — todos os indícios apontam nesse sentido — que, naquela altura, os pais da Virgem já tivessem falecido. Maria devia viver em casa de algum parente, que teria tomado conta d'Ela quando ficou órfã. Ao aproximar-se a idade em que as donzelas de Israel costumavam contrair matrimônio, por volta dos quinze anos, o chefe daquela família, como representante do pai de Myriam, teve que se ocupar desse assunto. E acertou-se o matrimônio de Maria com José, o artesão de Nazaré.

Os Evangelhos dão-nos poucas notícias sobre o esposo de Maria. Sabemos que também ele pertencia à casa de Davi e que era um *varão justo* (Mt 1, 19), quer dizer, um homem que — como afirma a Escritura — *põe o seu enlevo na lei do Senhor e nela medita dia e noite* (Sal 1, 2). A liturgia aplica-lhe umas palavras inspiradas: *o justo florescerá como uma palmeira, crescerá como o cedro do Líbano* (Sal 91 [92] 13).

O Evangelho de São Lucas narra que quando o Arcanjo Gabriel lhe anuncia, da parte de Deus, a concepção de um filho, Maria responde: *Como se fará isto. Porque não conheço homem* (Lc 1, 34). Esta resposta, quando era já a prometida de José de Nazaré, não tem outra explicação que: Maria tinha a firme determinação de permanecer virgem. Não há motivos humanos que justifiquem essa decisão, estranha naquela época. Toda a jovem israelita, e ainda mais se pertencesse à descendência de Davi, guardava no seu coração o sonho de se contar entre os ascendentes do Messias. O magistério da Igreja e os teólogos explicam essa firme determinação como fruto de uma inspiração especialíssima do Espírito Santo, que estava a preparar aquela que ia ser Mãe de Deus. Esse mesmo Espírito fez-lhe encontrar o homem que seria o seu esposo virginal.

Não sabemos como Maria e José se encontraram. Se a Virgem, como é provável, habitava já em Nazaré — uma pequena aldeia da Galileia — já se conheceriam há algum tempo. Em qualquer caso, antes de se celebrarem os esponsais, Maria devia ter comunicado a José o

seu propósito de virgindade. E José, preparado pelo Espírito Santo, deve ter descoberto nessa revelação uma voz do Céu: muito provavelmente também ele se tinha sentido impulsionado interiormente a dedicar-se de alma e corpo ao Senhor. Não é possível imaginar a concórdia que se estabeleceu imediatamente entre esses dois corações, nem a paz interior que transbordava nas suas almas.

Tudo é muito sobrenatural nesta cena da vida de Maria e, ao mesmo tempo, é tudo muito humano. Essa mesma simplicidade — tão própria das coisas divinas — explica a lenda que depressa se formou sobre os esponsais de Maria e José; um relato cheio de acontecimentos maravilhosos, que a arte e a literatura imortalizaram. Segundo essas fontes, quando Maria chegou à idade de contrair matrimônio, Deus mostrou milagrosamente aos sacerdotes do Templo de Jerusalém e a todo o povo quem era o eleito para esposo de Maria.

O fato histórico deve ter sido muito mais simples. O local dos esponsais pode muito bem ter sido Nazaré. Quando a família de Maria chegou a um acordo com José, celebraram-se os esponsais, que na Lei moisaica tinham a mesma força que o matrimônio. Passado algum tempo, o esposo devia conduzir a noiva à sua própria casa. Nesse lapso de tempo teve lugar a Anunciação.

Este episódio da vida de Maria reveste-se de grande importância. José era da estirpe real de Davi e, em virtude do seu matrimônio com Maria, conferirá ao filho da Virgem — Filho de Deus — o título legal de filho de Davi, cumprindo assim as profecias. A José, de sangue nobre e de espírito ainda mais nobre, a Igreja aplica o elogio que a Sabedoria divina tinha feito a Moisés: *amado de Deus e dos homens, e a sua memória é abençoada* (Sir 45, 1).

Maria sabe apenas que o Senhor a quis desposar com José, um varão justo que a ama e protege. José sabe apenas que o Senhor deseja que guarde Maria, como preparação para um casamento divino da Virgem com o Espírito Santo. Israel ignora este casal de recém casados. José sempre calado. Maria sempre discreta. Mas Deus enleva-Se e os anjos admiram-se.

[Voltar ao índice](#)

A Anunciação de Nossa Senhora

O diálogo mais importante da história teve lugar no interior de uma pobre casa de Nazaré. Os seus protagonistas são o próprio Deus, que se serve do ministério de um Arcanjo, e uma Virgem chamada Maria, da casa de Davi, desposada com um artesão de nome José.

Muito provavelmente Maria se encontrava recolhida em oração, talvez meditando alguma passagem da Sagrada Escritura referente à salvação prometida pelo Senhor; é assim que a mostra a arte cristã, que se inspirou nesta cena para compor as melhores representações da Virgem. Ou talvez estivesse ocupada nos trabalhos da casa e, neste caso, também se encontrava absorvida em oração: tudo nela era ocasião e motivo para manter um diálogo constante com Deus.

— *Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.* (Lc 1, 28).

Ao ouvir estas palavras, Maria *perturbou-se com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação* (Lc 1, 29). Enche-se de confusão, não tanto pela aparição do anjo, mas sim por suas palavras. E, constrangida, se pergunta o porquê de tantos louvores. Perturba-se porque, em sua humildade, se sente pouca coisa. Boa conhecedora da Escritura percebe imediatamente que o mensageiro celestial lhe está transmitindo uma mensagem inaudita. Quem é Ela para merecer esses elogios? Que fez em sua breve existência? Certamente deseja servir a Deus com todo o seu coração e toda a sua alma; mas se vê muito longe daquelas proezas que renderam louvores a Débora, Judite, Ester, mulheres muito exaltadas na Bíblia. No entanto, compreende que a embaixada divina é para Ela. *Ave, gratia plena!*

Neste primeiro momento, Gabriel se dirige a Maria dando-lhe um nome – *cheia de graça* – que explica a profunda perturbação de Nossa Senhora. São Lucas utiliza um verbo que, na língua grega, indica que a Virgem de Nazaré se encontrava completamente transformada, santificada pela graça de Deus. Como posteriormente definiria a Igreja, isto ocorreu no primeiro momento da sua concepção, na consideração da missão que iria cumprir: ser Mãe de Deus na sua natureza humana, permanecendo ao mesmo tempo Virgem.

O Arcanjo percebe o choque da Senhora e, para tranquilizá-la, dirige-se a Ela chamando-a – agora sim – pelo seu nome próprio e explicando-lhe as razões desta saudação excepcional.

—*Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim (Lc 1, 30-33).*

Maria, que conhece bem as profecias messiânicas e as meditou muitas vezes, compreende que será Mãe do Messias. Não há em sua resposta a menor sombra de dúvida ou de incredulidade: se, desde sua mais terna infância, só ansiava o cumprimento da Vontade Divina! Mas deseja saber como se realizará esse prodígio, pois, inspirada pelo Espírito Santo, tinha decidido entregar-se a Deus em virgindade de coração, corpo e mente.

São Gabriel comunica-lhe então o modo diviníssimo em que a maternidade e virgindade se conciliarão em seu seio.

—*O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nenhuma coisa é impossível (Lc 1, 35-37):*

O anjo cala-se. Um grande silêncio toma conta do céu e da terra, enquanto Maria medita em seu coração a resposta que vai dar ao mensageiro divino. Tudo depende dos lábios desta Virgem: a Encarnação do Filho de Deus, a salvação da humanidade inteira.

Maria não demora. E, ao responder ao convite do Céu, o faz com toda a energia da sua vontade. Não se limita a um genérico *dar permissão*, mas pronuncia um sim – *fiat!* – em que deposita toda sua alma e todo o seu coração, aderindo plenamente à Vontade de Deus: *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*(Lc 1, 38).

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1, 14). Ao contemplar uma vez mais este mistério da humildade de Deus e a humildade da criatura, prorompemos numa exclamação de gratidão que gostaríamos que não terminasse nunca: *Ó Mãe, Mãe! Com essa tua palavra - "fiat" - nos tornaste irmãos de Deus e herdeiros da sua glória. - Bendita sejas!» (Caminho , n. 512).*

[Voltar ao índice](#)

Visitação à Santa Isabel

Isabel, a quem chamavam estéril, vai ser mãe. Maria soube-o por Gabriel, o enviado de Deus. E, pouco depois, *levantou-se, foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá (Lc 1, 39)*. Não a move a curiosidade, nem se põe a caminho para comprovar por si própria o que o anjo lhe comunicou. Maria, humilde, cheia de caridade – de uma caridade que a impele a preocupar-se mais com a sua idosa prima do que consigo – vai à casa de Isabel porque pressentiu, na mensagem do Céu, uma secreta relação entre o filho de Isabel e o Filho que Ela traz nas suas entranhas.

O caminho de Nazaré a Ain Karin – a pequena cidade situada nos montes da Judeia, que a tradição identifica com o lugar de residência de Zacarias e Isabel – é longo, uma distância de quase cento e quarenta quilômetros. Provavelmente José organizou a viagem. Procuraria encontrar uma caravana em que a Virgem pudesse viajar segura e talvez ele próprio a acompanhasse, pelo menos até Jerusalém. Alguns comentadores pensam que a acompanhou mesmo até Ain Karin, distante pouco mais de sete quilômetros da capital, embora regressasse em seguida a Nazaré, onde tinha o seu trabalho.

Maria *entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc 1, 40)*. Algumas tradições locais afirmam que o encontro entre as duas primas ocorreu, não na própria cidade, mas numa casa de campo onde Isabel – como diz o texto sagrado – se ocultou durante cinco meses (cfr. *Lc 1, 24*), para se afastar dos olhares indiscretos de parentes e vizinhos e para elevar a sua alma em agradecimento a Deus, que lhe tinha concedido um tão grande benefício.

Saúda-se a pessoa que chega cansada de uma viagem, mas neste caso é Maria que saúda Isabel. Abraça-a, felicita-a, promete-lhe estar ao seu lado. Com Ela entra naquela casa a graça do Senhor, porque Deus a fez sua mediadora. A sua chegada causou uma revolução espiritual. *Quando Isabel ouviu a saudação de Maria – conta São Lucas – o menino saltou-lhe no ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo (Lc 1, 41)*.

Foram três os benefícios que Maria levou consigo (cfr. *Lc 1, 42-45*). Em primeiro lugar, encheu de glória aquela casa: *Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?* Se a visita de uma personalidade importante da terra honra sobremaneira quem o hospeda, que se dirá da honra recebida ao acolher o Filho unigênito do Pai, feito homem no seio de Nossa

Senhora? Imediatamente, o Batista, ainda não nascido, estremeceu e exultou de gozo: ficou santificado pela presença de Jesus Cristo. E Isabel, iluminada pelo Espírito de Deus, irrompeu numa aclamação profética: *logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão-de cumprir as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor.*

A Virgem ia servir e depara-se com que a louvem, que a bendigam, que a proclamem Mãe do Messias, Mãe de Deus. Maria sabe que efetivamente é assim, mas atribui tudo ao Senhor: *porque pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas, Santo é o seu nome.* (Lc 1, 48-49).

No *Magnificat*, cântico criado pela Virgem – por inspiração do Espírito Santo – com expressões do Antigo Testamento, retrata-se a alma de Maria. É um canto à misericórdia de Deus, grande e onipotente e, simultaneamente, uma manifestação da humildade de Nossa Senhora. Sem que eu nada tenha feito – diz – o Senhor quis que se cumprisse em mim o que tinha anunciado aos nossos pais, em favor de Abraão e da sua linhagem, para sempre. *A minha alma glorifica o Senhor*, não porque seja grande, mas porque o Senhor a fez grande.

Maria humilde: escrava de Deus e serva dos homens. Permanece três meses na casa de Isabel, até ao nascimento de João. E, com a sua presença, encherá de graças também Zacarias, para que cante ao Senhor um hino de louvor e de arrependimento, com toda a força da fala recuperada: *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo* (Lc 1, 68).

[Voltar ao índice](#)

O nascimento de Jesus

Otávio César Augusto determinou o censo dos habitantes do orbe romano. A ordem atinge a todos: do mais rico ao mais pobre. Na Palestina, deve ser feito segundo os costumes judaicos: cada um em sua cidade de origem. *Como José era da casa e da família de Davi, subiu de Nazaré, cidade de Galiléia, para a cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida (Lc 2, 4-5).*

Assim, com esta simplicidade, o evangelista começa a narração do acontecimento que ia mudar a história da humanidade. A viagem era longa: uns cento vinte quilômetros. Quatro dias de caminhada — se tudo transcorresse normalmente — em alguma das caravanas que viajavam da Galiléia para o sul. Maria não estava obrigada a ir; era dever do chefe da família. Mas como a deixar sozinha, se estava a ponto de dar a luz? E, sobretudo, como não acompanhar a José até a cidade onde — segundo as Escrituras — tinha de nascer o Messias? José e Maria deviam descobrir naquele estranho capricho do longínquo imperador a mão do Altíssimo, que lhes guiava em todos seus passos.

Era Belém uma pequena aldeia. Mas, por causa do recenseamento, tinha adquirido uma animação incomum. José dirigiu-se com Maria ao oficial imperial para pagar o tributo e para se inscrever com sua mulher no livro dos súbitos do imperador. Em seguida, começou a buscar um lugar onde passar a noite. A tradição apresenta-o chamando infrutiferamente de porta em porta. Finalmente, vai ao *khan* ou estalagem pública, onde sempre se pode achar um lugar. Não era mais que um pátio fechado por muros. No centro, uma cisterna providenciava água; em torno dela se acomodavam os animais de carga e, junto à parede, uns barracos para os viajantes, cobertos de um rudimentário teto. Com frequência estavam divididos por divisórias formando compartimentos, onde cada grupo de hóspedes gozava de certa independência. Não era o lugar oportuno para que a Virgem desse a luz. Podemos imaginar o sofrimento de José, ao aproximar-se a hora do parto, por não achar um lugar adequado. *Não havia para eles lugar na hospedaria (Lc 2, 7)*, escreve laconicamente São Lucas. Alguém, talvez o mesmo dono do *khan*, deve tê-los advertido que, na periferia, havia grutas que se utilizavam para albergar o gado nas noites frias; talvez poderiam acomodar-se em alguma delas, enquanto passava a aglomeração e se liberava algum lugar na cidade.

A divina Providência serviu-se destas circunstâncias para mostrar a pobreza e a humildade com que o Filho de Deus tinha decidido vir à terra. Todo um exemplo para os que lhe seguiriam pelos séculos, como explica São Paulo: *conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por vocês, para que sejais ricos por sua pobreza* (2 Cor 8, 9). O Rei de Israel, o Desejado de todas as nações, o Filho eterno de Deus, vem ao mundo em um lugar próprio de animais. E sua Mãe se vê obrigada a oferecer-lhe, como primeiro berço, um estreito presépio.

Mas o Onipotente não quer que passe totalmente inadvertido este acontecimento singular. *Havia uns pastores por aquela região, que passavam a noite no campo tomando conta do rebanho* (Lc 2, 8). Eles, os últimos da terra, gente pastoreando os rebanhos, que cuidavam por conta de outros, serão os primeiros a receber o anúncio desse grande portento: o nascimento do Messias prometido.

De improviso, um anjo do Senhor se apresentou a eles, e a glória do Senhor rodeou-os de luz. E encheram-se de grande temor. O anjo disse-lhes: "Não temais. Eu vos anuncio uma grande alegria, que o será também para todo o povo..." (Lc 2, 9-10). E, depois de comunicar-lhes a Boa Nova, deu-lhes um sinal pelo que poderiam lhe reconhecer: *encontrareis a um menino envolvido em panos e reclinado em uma manjedoura* (Lc 2, 12). Imediatamente, ante seus olhos assombrados, se materializou uma multidão de anjos *que louvava a Deus dizendo: glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que são do seu agrado* (Lc 2, 14).

Puseram-se em caminho. Talvez tomaram uns presentes para dar à mãe e ao recém nascido. A homenagem foi para Maria e para José a prova de que Deus velava sobre seu Filho. Também eles se encheriam de alegria ante ao júbilo ingênuo daquelas pessoas e meditariam em seu coração como o Senhor se compraz nos pobres e humildes.

Quando acabou a festa, os pastores retornaram ao cuidado de seus rebanhos, *louvando a Deus por todo o que tinham ouvido e visto* (Lc 2, 20). Ao cabo de dois mil anos, também somos convidados a proclamar as maravilhas divinas. Em *um dia santo amanheceu-nos; venham, gentes, e adorem ao Senhor; porque uma luz grande tem baixado hoje à terra* (Missa terceira de Natal, aclamação antes do Evangelho).

[Voltar ao índice](#)

Apresentação de Jesus no Templo

A aglomeração de peregrinos em Belém tinha terminado. Depois do nascimento de Jesus, José encontrou um lugar mais decente para alojar a Sagrada Família. Passados oito dias foi aí que realizou o rito da circuncisão, pelo qual os varões começavam a fazer parte do povo de Israel e o Menino recebeu oficialmente o nome de Jesus, *como Ihe tinha chamado o anjo antes que fosse concebido no ventre materno (Lc 2, 21)*. Quarenta dias depois, Maria e José tomaram o Menino, levaram-no a Jerusalém, depois que se *completaram os dias da purificação de Maria, segundo a Lei de Moisés (...), para O apresentar ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor (...) e para oferecer como sacrifício, conforme o que também está escrito na Lei do Senhor: “Um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 2, 22-25)*.

Nem Jesus nem Maria estavam obrigados a seguir estas prescrições. Maria não tinha contraído nenhuma impureza legal, pois tinha concebido e dado à luz virginalmente; nem sequer a lei de resgate do primogênito se aplicava a Jesus, autêntico Cordeiro de Deus que vinha tirar os pecados do mundo. E, no entanto, por três vezes, em poucos versículos, se insiste em que tudo foi levado a cabo em estrita obediência à Lei de Deus.

A Igreja descobre neste episódio uma razão mais profunda. Em primeiro lugar, o cumprimento da profecia de Malaquias: *vai chegar ao Seu Templo o Senhor que procurais, o mensageiro da Aliança, que desejais (Ml 3, 1)*. Além disso, Maria compreendeu que Jesus devia ser conduzido ao Templo, não para O resgatar como aos outros primogênitos, mas para ser oferecido a Deus em verdadeiro sacrifício. Assim o expressa a Carta aos Hebreus: *entrando no mundo, diz: “Não quiseste sacrifício nem oblação, mas formaste-Me um corpo; os holocaustos e sacrifícios pelo pecado não Te agradaram. Então Eu disse: Eis-Me que venho, segundo está escrito de Mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a Tua vontade” (Hb 10, 5-7)*. A apresentação de Jesus no Templo poder-se-ia comparar, de certo modo, ao Ofertório do Sacrifício do Calvário, que a Missa tornaria presente em todos os pontos do tempo e do espaço. Na preparação desse sacrifício, como depois na sua realização no cume do Gólgota, estava reservado um lugar especial para a Mãe de Jesus. Desde os primeiros momentos da Sua vida terrena, Jesus associa Maria ao sacrifício redentor que tinha vindo cumprir.

Esta participação no mistério da Redenção foi, pouco a pouco, revelada à Virgem. O anjo da Anunciação nada lhe tinha dito a este propósito, mas agora ser-lhe-á comunicado pelas palavras de Simeão, um ancião justo e temente a Deus a quem *tinha sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte sem ver primeiro o Cristo do Senhor (Lc 2, 26)*.

O encontro entre a Virgem e ancião deve ter acontecido frente à porta de Nicanor, por onde se acedia ao átrio dos israelitas. Naquele lugar situava-se um dos sacerdotes encarregados de atender as mulheres que ofereciam o sacrifício por si próprias e pelos seus filhos. Maria, acompanhada de José, pôs-se na fila. Enquanto aguardava a sua vez, houve um acontecimento que encheu de assombro os circunstantes. Um venerável ancião aproximou-se da fila. O seu rosto resplandecia de alegria. *Quando os pais levaram o Menino Jesus, para cumprirem as prescrições da Lei a Seu respeito, Simeão tomou o Menino nos braços e louvou a Deus, dizendo: "Agora, Senhor, conforme a Tua promessa, podes deixar o teu servo partir em paz. Porque os meus olhos viram a Tua Salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória do Teu povo Israel" (Lc 2, 29-32)*.

Ao ouvir estas palavras, apoderou-se de Maria e de José um sentimento de admiração: o ancião Simeão confirmava-lhes o que o anjo lhes tinha comunicado da parte de Deus. Mas, logo a seguir, aquele anúncio ensombrou a alegria: o Messias cumpriria a Sua missão por meio do sofrimento; e a Mãe ficava misteriosamente associada à dor do Filho. *Simeão abençoou-os e disse a Maria, Mãe do Menino: "Eis que este Menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição. Quanto a Ti, uma espada há-de atravessar-Te a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações" (Lc 2, 34-35)*. Também Ana, uma profetisa com mais de oitenta anos, se associou ao anúncio de Simeão, pois *chegou nesse instante, louvava a Deus e falava do Menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém (Lc 2, 38)*.

Do evangelho de São Lucas deduz-se que a Virgem apresentou Jesus só depois de ouvir a profecia. Ofereceu pelo seu resgate *um par de rolas ou dois pombinhos*, a oferenda dos pobres, em lugar do cordeiro prescrito na Lei de Moisés. No entanto, à luz das palavras de Simeão, compreendeu — para além das aparências — que Jesus era o verdadeiro Cordeiro que redimiria os homens dos seus pecados. E que Ela, como Mãe, de um modo que não compreendia, estaria unida estreitamente à sorte do seu Filho.

[Voltar ao índice](#)

Adoração dos magos

A Sagrada Família regressou a Belém. As palavras do velho Simeão ressoavam nos ouvidos de Maria e de José. À memória da Virgem viriam os textos de alguns profetas que, falando do Messias, seu Filho, afirmam que não só seria Rei de Israel, mas receberia as honras de todos os povos da terra.

Isaías já o tinha anunciado com particular eloquência: *À tua luz caminharão os povos e os reis andarão ao brilho do teu esplendor. Lança um olhar em volta e observa: todos se reuniram e vieram procurar-te (...). Uma grande multidão de camelos te invade, camelos de Madiã e Efa; vêm todos de Sabá, trazendo ouro e incenso e anunciando os louvores de Javé (Is 60, 3-6).*

Entretanto, o tempo decorria na mais absoluta normalidade. Nada fazia pressagiar qualquer acontecimento fora do comum. Até que um dia aconteceu algo extraordinário.

Tendo nascido Jesus em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns Magos vieram do Oriente a Jerusalém, perguntando: Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer? Porque nós vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-I'O (Mt 2, 1-2). São Mateus anota que, ao ouvir essa pergunta, *o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele (Mt 2, 3).*

Sabemos muito pouco sobre estas personagens. De qualquer forma, o texto evangélico oferece algumas certezas: tratava-se de uns viajantes procedentes do Oriente, onde tinham descoberto uma estrela de extraordinário fulgor, que os impeliu a deixar as suas casas e partir em busca do Rei dos judeus. Todo o resto — o seu número, o país de origem, a natureza da luz celestial, o caminho que seguiram — não passa de mera conjectura, mais ou menos fundada.

A tradição ocidental fala de três personagens, a quem inclusive dá um nome — Melchior, Gaspar e Baltasar — enquanto outras tradições cristãs elevam o seu número para sete e até para doze. O fato de que procedessem do Oriente aponta para as longínquas regiões além do Jordão: o deserto sírio-árabe, Mesopotâmia, Pérsia. A favor da origem persa pesa um episódio historicamente comprovado. Quando, nos princípios do século VII, o rei persa Cosroes II invadiu a Palestina, destruiu as basílicas que a piedade cristã tinha edificado em

memória do Salvador, exceto uma: a Basílica da Natividade, em Belém. E isto por uma simples razão: na sua entrada figurava a representação de algumas personagens trajando indumentária persa, em atitude de prestar homenagem a Jesus nos braços de Sua Mãe.

A palavra *magos*, com que os designa o Evangelho, não tem nada a ver com o que hoje em dia se entende por esse nome. Não eram pessoas dadas à magia, mas homens cultos, muito provavelmente pertencentes a uma casta de estudiosos dos fenômenos celestes, discípulos de Zoroastro, já conhecidos por numerosos autores da Grécia clássica. Por outro lado, é um fato comprovado que a expectativa messiânica de Israel era conhecida nas regiões orientais do Império Romano e inclusive na própria Roma. Não é estranho, pois, que alguns sábios pertencentes à casta dos magos, ao descobrir um astro de extraordinário fulgor, o tivessem interpretado — iluminados interiormente por Deus — como um sinal do nascimento do esperado Rei dos Judeus.

Embora a piedade popular una, de modo quase imediato, o nascimento de Jesus com a chegada dos Magos à Palestina, não se conhece com precisão a época em que teve lugar; sabemos, sim, que Herodes, sentindo-se ameaçado, *inquiriu deles cuidadosamente, acerca do tempo em que lhes tinha aparecido a estrela* (Mt 2, 7). Depois perguntou aos doutores da Lei pelo lugar de nascimento do Messias e os escribas responderam citando o profeta Miqueias: *e tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá um chefe que apascentará Israel, Meu povo* (Mt 2, 6). Usando uma mentira, Herodes pôs os Magos a caminho de Belém: *ide, informai-vos bem acerca do Menino, e, quando O encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu O vá adorar* (Mt 2, 8). O seu propósito era bem diverso, pois propunha-se mandar assassinar todos os meninos nascidos na cidade e na sua comarca, menores de dois anos, para assim se assegurar da morte daquele que — segundo o seu curto entender — lhe vinha disputar o trono. Deduz-se destes dados que a chegada dos Magos ocorreu algum tempo após o nascimento de Jesus; talvez um ano ou ano e meio.

Depois de receberem essa informação, os Magos dirigiram-se apressadamente para Belém, cheios de alegria ao ver reaparecer a estrela que tinha desaparecido misteriosamente em Jerusalém. Este mesmo fato advoga em favor da suposição de que o astro que os guiava não era um fenômeno natural — um cometa, uma conjunção, etc., como se procurou muitas vezes demonstrar — mas um sinal sobrenatural dado por Deus a esses homens escolhidos, e só a eles.

Mal saíram de Jerusalém — prossegue São Mateus — *a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles até que chegando ao local onde estava o Menino, parou. Entraram na casa,*

viram o Menino com Maria, Sua mãe e, prostrando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes de ouro, incenso e mirra (Mt 2, 9-11).

Os corações de Maria e de José devem ter ficado repletos de alegria e gratidão. Alegria porque os anúncios proféticos sobre Jesus começavam a cumprir-se; agradecimento porque os presentes daqueles homens generosos — predecessores na fé dos cristãos procedentes dos gentios — possivelmente, contribuíram para aliviar uma situação econômica precária. José e Maria não puderam corresponder à sua generosidade. Eles, no entanto, consideraram-se suficientemente recompensados pelo olhar e o sorriso de Jesus, que iluminou de novo as suas almas e pelas doces palavras de agradecimento de Sua Mãe, Maria.

[Voltar ao índice](#)

A fuga para o Egito

Depois da partida dos Magos de Belém, *um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo (Mt 2, 13)*. Num instante, a alegria da Virgem com a vinda daqueles visitantes que tinham reconhecido em seu Filho o Messias, transformou-se em dor e angústia. Era bem conhecida a crueldade do velho rei da Palestina, sempre temeroso de que alguém lhe arrebatasse o trono; por isso, tinha mandado assassinar crianças e adultos que podiam lhe fazer sombra, como consta em diversas fontes históricas. O perigo era grande; mas Deus tinha planos de salvação que não podiam deixar de ser cumpridos por causa da ambição e iniquidade de um tirano. No entanto, o Senhor não faz milagres chamativos, conta com a correspondência das Suas criaturas fiéis. Por isso, os Magos, depois de *avisados em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram para a sua terra, passando por outro caminho (Mt 2, 12)*.

Também José se comportou com extrema docilidade. Logo que recebeu o aviso divino, *levantando-se de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e retirou-se para o Egito (Mt 2, 14)*. Começava a primeira das perseguições que Jesus Cristo tinha de sofrer na terra, ao longo da história, em Si próprio ou nos membros do Seu Corpo místico.

Existiam dois itinerários principais para ir para o Egito. Um mais cômodo, mas também mais frequentado, descia pela margem do Mediterrâneo e atravessava a cidade de Gaza. O outro, menos utilizado, passava por Hebrom e Bersabé, antes de atravessar o deserto de Idumeia e entrar no Sinai. Tratava-se de uma longa viagem, de várias centenas de quilômetros, que deve ter durado de dez a catorze dias.

Em Hebrom ou em Bersabé (esta última cidade situada a 60 quilômetros de Belém), devem ter comprado provisões antes de enfrentar a travessia do deserto. É provável que, nesta parte da viagem, eles se incorporassem a alguma pequena caravana, pois teria sido quase impossível fazê-la sozinhos: o calor extenuante, a falta de água, o perigo de bandidos, tornavam absolutamente desaconselhável viajar sem um grupo. O historiador Plutarco narra que os soldados romanos que, no ano 155 antes de Cristo, realizaram essa travessia para combater no Egito, tinham mais medo de enfrentar as agruras do deserto do que da guerra que se

dispunham a fazer.

A tradição supõe – e é lógico que assim tenha ocorrido – que Maria, com o Menino nos braços, cavalgava sobre um jumento que José conduziria pela rédea. Mas a fantasia dos escritos apócrifos fez florescer numerosas lendas sobre o episódio: palmeiras que estendem as copas para oferecer uma sombra aos fugitivos, feras que se amansam, salteadores que se tornam humanitários, fontes de água que aparecem de repente para matar a sede... A piedade popular faz disso eco em quadros e composições poéticas, com a finalidade louvável de enaltecer o cuidado da Providência divina. A verdade é que se tratou de uma fuga em todo o trajeto, na qual, aos sofrimentos físicos, juntava-se o temor de serem alcançados em qualquer momento por algum pelotão de soldados. Só quando chegaram a Rhinocolura, na fronteira entre a Palestina e o Egito, puderam seguir mais tranquilos.

Entretanto, na pequena aldeia de Belém, consumava-se a matança de um grupo de crianças menores de dois anos, arrancadas dos braços de suas mães. *Cumpriu-se então* – anota São Mateus – *o que foi anunciado pelo profeta Jeremias: "Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e grande lamentação; Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem"* (Mt 2, 18). Trata-se, indubitavelmente, de uma passagem de difícil compreensão, que foi, por vezes, para muitos, pedra de escândalo: como pôde Deus permitir o sofrimento dos inocentes, especialmente crianças? A resposta a esta pergunta apoia-se em dois pontos firmes: Deus não trata os homens como marionetes, mas respeita a sua liberdade, mesmo quando se empenham em fazer o mal; ao mesmo tempo, com a sua Sabedoria e a Sua Providência, sabe retirar o bem do mal. Deus escreve direito com as linhas torcidas pelos homens. De qualquer forma, só à luz do sacrifício de Cristo na Cruz se esclarece esse enigma. A Redenção operou-se por meio do sofrimento do Justo, do Inocente por excelência, que deseja associar os homens ao seu sacrifício.

A tradição não é unânime sobre o lugar da residência da Sagrada Família no Egito: Menfis, Heliópolis, Leontópolis..., pois no amplo delta do Nilo floresciam muitas comunidades judaicas. Integraram-se numa delas, como emigrantes, e ali José encontraria um trabalho que lhe permitisse sustentar dignamente, ainda que modestamente, a sua Família. De acordo com os cálculos mais comuns, viveram no Egito pelo menos um ano, até que, de novo, um anjo anunciou a José que já podia regressar à Palestina.

Foram meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada e, ao mesmo tempo, com a alegria de ver crescer Jesus são e forte, longe do perigo que o ameaçava. À sua volta, contemplavam muita idolatria, tantas figuras de deuses estranhos com figuras de animais. Mas Maria sabia que Jesus Cristo tinha vindo ao mundo

também por aquelas pessoas, também para elas era a Redenção. E a Virgem abraçava-os em seu coração maternal.

[Voltar ao índice](#)

Regresso a Nazaré

Não se sabe com certeza o tempo que durou a estadia da Sagrada Família no Egito. A maior parte dos estudiosos pensa que se prolongou por um ou dois anos. São Mateus, o evangelista que nos relata estes acontecimentos, mostra-se lacônico, como em outras ocasiões. *Morto Herodes — escreve — o Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e Sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque morreram os que procuravam tirar a vida ao Menino" (Mt 2, 19-20).*

A resposta do Patriarca foi imediata, como em outros momentos: *Ele levantou-se, tomou o Menino e Sua mãe, e voltou para a terra de Israel (Mt 2, 21).* Nem uma dúvida, nem uma vacilação. Apenas o tempo necessário para recolher as ferramentas do seu ofício, os poucos bens de que dispunha. Teria se despedido das pessoas em cuja companhia tinha vivido aqueles meses e teria feito as diligências adequadas para empreender o regresso.

As tradições coptas indicam que a Sagrada Família fez a viagem de regresso por via marítima, e não por terra. É uma hipótese provável. Uma vez terminado o perigo, esse caminho era mais económico e oferecia menos privações do que as trilhas das caravanas terrestres. Provavelmente partiram em alguma das numerosas embarcações que sulcavam o Nilo a partir de Menfis (atualmente Cairo) até Alexandria, onde apanhariam um pequeno barco que, em quatro ou cinco dias, navegando próximo da costa do Mediterrâneo, atracava em Ascalón, Joppe ou Yamnia.

Ao desembarcar, José recolheu informações sobre o novo rei da Judeia. Era Arquelau, filho de Herodes, e quase tão cruel como o pai, pois acabava de decapitar milhares de súditos no próprio Templo. Num primeiro momento, o esposo de Maria tinha pensado estabelecer-se em Belém, lugar do nascimento do Messias; mas como o anjo não tinha indicado nada de concreto — tinha-lhe dito somente que regressasse à terra de Israel — encarou a possibilidade de ir para um lugar que não estivesse sujeito à jurisdição do rei. O Senhor confirmou-o nos seus propósitos por intermédio de um anjo: *ouvindo dizer que Arquelau reinava na Judeia (...), teve medo de ir para lá; e, avisado por Deus em sonhos, retirou-se para a região da Galileia (Mt 2, 22).* Se a profecia de Miqueias tinha anunciado o nascimento de Jesus em Belém, outros oráculos — como São Mateus indica — designavam Nazaré como o lugar onde

o Messias havia de crescer e chegar à idade adulta. *E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, cumprindo-se deste modo o que tinha sido anunciado pelos profetas: "Será chamado nazareno" (Mt 2, 23).*

A viagem de regresso foi tranquila e com curtos momentos para o repouso. Podemos imaginar a emoção da Virgem e do seu Esposo quando, ao atravessar a planície de Esdrelón, já na Galileia, foram descobrindo os locais que lhes eram familiares, nos quais tinham decorrido os anos da sua meninice e adolescência. Em Nazaré reencontraram-se com parentes e amigos, que ficariam assombrados ao vê-los regressar depois de tantos meses sem terem notícias deles. Não faltariam as perguntas embaraçosas, motivadas pelo carinho e uma sã curiosidade, a que responderiam com descrição, para não revelar a verdade sobre Jesus que só eles conheciam e guardavam no coração.

Instalaram-se em uma pequena casa, uma construção pobre contígua a uma das grutas tão frequentes em Nazaré. Talvez a encontrassem em mau estado, depois de tanto tempo sem estar habitada, mas não se lamentaram: imediatamente puseram mãos à obra. José reparou-a do melhor modo possível, Maria limpou-a com cuidado, talvez ajudada por Maria de Cléofas, sua prima, mãe de Santiago e de José, de Simão e de Judas e de outras pessoas da família.

A vida e o trabalho da Sagrada Família retomaram o seu ritmo quotidiano, sem nenhum acontecimento especial digno de referência. São Lucas, que a partir deste momento retoma a sua narração, refere apenas que *o Menino crescia e fortificava-Se cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele (Lc 2, 40)*. A Virgem Santíssima, como todas as mães, seguia com olhar amoroso o crescimento humano do seu Filho e Senhor, cheia de admiração diante da naturalidade do modo de agir de Deus. José trabalhava com empenho, agradecido de servir com o seu trabalho o mistério da Redenção. Era uma família em que o amor a Deus e aos outros se identificava com os cuidados que dispensavam a Jesus, Verbo eterno do Pai, que aprendia a falar com palavras humanas e a amar com coração de homem.

[Voltar ao índice](#)

Jesus entre os doutores

A Lei de Moisés obrigava os varões israelitas a apresentarem-se diante do Senhor três vezes por ano: na Páscoa, em Pentecostes e na festa dos Tabernáculos. Esse dever não incluía as mulheres nem os meninos antes de completarem 13 anos, idade em que ficavam sujeitos em tudo aos ditames da Lei. No entanto, entre os israelitas piedosos, era frequente que também as mulheres subissem a Jerusalém para adorar a Deus, por vezes na companhia dos filhos. No tempo de Jesus, era costume que apenas os que residiam a menos de um dia de viagem fizessem essa peregrinação, que, além disso, se costumava limitar à da festa da Páscoa. Como Nazaré distava de Jerusalém vários dias de caminho, também José não estava estritamente obrigado pelo preceito. No entanto, tanto ele como Maria *iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa* (Lc 2, 41). O evangelista não diz se Jesus os acompanhava nessas ocasiões, como era frequente nas famílias piedosas. Só agora fala, expressamente, desta viagem, talvez para fixar cronologicamente o episódio que se dispõe a relatar, talvez porque o Menino, já no décimo terceiro ano de vida, podia considerar-se obrigado ao preceito. E assim, *quando chegou aos doze anos, foram a Jerusalém segundo o costume daquela festa* (Lc 2, 42).

Jerusalém era uma massa fervilhante de peregrinos e comerciantes. Tinham chegado caravanas das regiões mais remotas: dos desertos da Arábia, das margens do Nilo, das montanhas da Síria, das cultas cidades da Grécia... Reinava a confusão por todo o lado: burros, camelos e bagagem enchiam as ruas e os arredores da cidade. E, no Templo, os fiéis aglomeravam-se para oferecer os seus sacrifícios e fazer as suas orações.

Com não menos confusão se preparavam para regressar para o lugar da procedência, homens e mulheres em separado; as crianças, de acordo com a idade, podiam juntar-se a um ou a outro grupo. Não havia uma organização férrea; bastava saber o lugar e a hora aproximada da partida. Não é estranho que, *acabados os dias que ela (a festa) durava, quando voltaram, o Menino ficou em Jerusalém, sem que os Seus pais o advertissem* (Lc 2, 43).

Maria e José não perceberam até que, ao cair a tarde do primeiro dia de viagem, as caravanas da Galileia fizeram uma parada no caminho para passar a noite. Que angústia a sua, quando notaram a falta de Jesus! Gastaram as horas que restavam do dia *procurando-O*

entre os parentes e conhecidos (Lc 2, 44). A toda a pressa, talvez nessa mesma noite, regressaram a Jerusalém à Sua procura. Encaminharam-se para o local onde tinham comido o cordeiro pascal, foram ao Templo, perguntaram aos amigos e conhecidos que encontravam pelas ruas. Tudo em vão, ninguém tinha visto Jesus. Podemos imaginar os pensamentos de Nossa Senhora: seria esta a espada de dor, predita por Simeão, que lhe ia atravessar o coração?

Assim decorreu o segundo dia, com ansiedade e dor. Voltaram uma e outra vez a percorrer os locais onde tinham estado, até que ao terceiro dia de buscas O encontraram no Templo, seguramente num dos salões situados junto aos átrios, que os escribas utilizavam para dar as suas lições. Era uma cena frequente nos dias de festa: o mestre, num assento de cerimônia em local elevado, para ser bem visto e ouvido, com um rolo do livro sagrado nas mãos, explicava alguma passagem da Escritura aos ouvintes, que escutavam sentados no chão. De vez em quando, o escriba fazia alguma pergunta ao auditório, à qual respondiam os alunos mais adiantados. Foi assim que José e Maria encontraram Jesus: *sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os O ouviam estavam maravilhados da Sua sabedoria e das Suas respostas (Lc 2, 46-47).*

Também a Nossa Senhora e o seu Esposo, *quando O viram, admiraram-se (Lc 2, 48).* Mas o seu assombro não se devia à sabedoria das respostas, mas ao fato de ser a primeira vez que sucedia algo semelhante: Jesus, o filho obedientíssimo, tinha ficado em Jerusalém sem os avisar. Não se tinha perdido; tinha-os abandonado voluntariamente.

- Filho, porque procedeste assim conosco? Eis que teu pai e eu Te procurávamos cheios de aflição. Ele disse-lhes: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-Me das coisas de Meu Pai? Eles, porém, não entenderam o que lhes disse (Lc 2, 48-50).

Ao receber essa resposta, sem a compreender, Maria e José acataram os planos de Deus, com uma humildade e uma docilidade plenas. É uma lição para todos os cristãos, que nos convida a aceitar com amor as manifestações da Providência divina, ainda que por vezes não as entendamos.

[Voltar ao índice](#)

Os anos de Nazaré

Depois de ter narrado o encontro do Menino Jesus entre os doutores do Templo, o Evangelho continua: *desceu com eles e foi para Nazaré; e era-lhes submisso. A Sua Mãe guardava todas essas coisas no seu coração. Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens* (Lc 2, 51-52).

Em dois versículos são resumidos dezoito anos da vida de Jesus e de Maria. Anos em que a Sagrada Família leva uma existência como a dos outros habitantes de Nazaré, mas repleta de amor. Anos decisivos na epopeia da Redenção, que o Verbo encarnado estava já a levar a cabo por meio da obediência e do trabalho, no contexto de uma vida normal.

Depressa ficou para trás aquele acontecimento do Templo, mas as palavras que Jesus lhes disse nessa altura ofereceram a José e a Maria constante tema de meditação. Perceberam, com uma luz nova, o sentido da vida de Jesus na terra, toda voltada para o cumprimento da missão que o Pai celestial lhe tinha confiado. E, embora deva ter deixado uma profunda marca nas suas almas, a vida em Nazaré prosseguiu como habitualmente.

Cada dia tinha as suas próprias ocupações. As tarefas de Maria eram as próprias de uma dona de casa: caminhadas à única fonte da aldeia para encher o cântaro de água fresca; amassar a farinha e levá-la ao forno para fazer o pão da semana; manter a casa limpa e agradável, servindo-se talvez também de flores simples que dessem cor e aroma ao ambiente; fiar a lã macia e o linho suave e tecer depois os panos necessários; ocupar-se das compras imprescindíveis quando chegava à aldeia um vendedor ambulante apregoando as suas mercadorias... Mil tarefas domésticas que Maria realizava como as outras mulheres da aldeia, mas com um imenso amor.

Quando o Menino era ainda pequeno, acompanharia a Sua Mãe nas tarefas caseiras ou nas suas deslocações pela aldeia. À medida que foi crescendo, passaria mais tempo com José. Durante os anos de que agora falamos, começaria a ajudá-lo no seu trabalho, que era abundante. A oficina de José era como as outras existentes naquele tempo na Palestina. Talvez fosse a única de Nazaré, uma aldeia pequena. Cheirava a madeira e a limpeza. Os trabalhos que se realizavam eram os próprios do ofício de artesão, como o designa o Evangelho, em que se fazia um pouco de tudo: fazer uma viga, fabricar um armário simples,

arranjar uma mesa ou um telhado, passar a plaina numa porta que não encaixava bem... Jesus, primeiro adolescente e depois jovem, aprendeu com José a trabalhar bem, com cuidado nos detalhes, com um sorriso acolhedor para o cliente, cobrando o justo, embora concedendo facilidades de pagamento a quem estivesse passando uma temporada de apuros econômicos.

Um dia José morreu. Jesus tinha crescido, já se podia encarregar da casa e cuidar de Sua Mãe. Maria e Jesus devem ter chorado ao enfrentar esse transe, enquanto o Santo Patriarca, acompanhado muito de perto pelos seus dois grandes amores, expirava em paz. Tinha cumprido a sua missão.

Com a morte do Patriarca, a Mãe e o Filho estreitaram ainda mais a sua intimidade. Quantas vezes o recordariam nas suas conversas a sós, ou com outros membros da família, nas longas noites veladas do inverno, ao calor do fogo! E iriam desfiando tantos detalhes do esquecimento de si próprio, do serviço aos outros, que constituíam o quadro da vida de José, o artesão.

Na tranquila paz daquela casa, Maria continuou as suas tarefas de sempre: cozinhar e lavar louça; moer e amassar a farinha; coser as vestes de Jesus e as suas; receber com um gesto amável as pessoas que a iam visitar... Cada vez com mais amor, pois tinha perto, muito perto, ao seu lado, Aquele que é a Fonte do Amor. No entanto, os parentes e vizinhos não notavam que sua vida tivesse algo diferente. Nem sequer a sua doçura e delicadeza, que atraía a todos e fazia com que todos se sentissem bem ao seu lado. Porque era como o orvalho, que dá frescura e cor aos campos e mal se chega a ver.

E enquanto Jesus crescia e trabalhava, a Virgem *guardava todas estas coisas no seu coração* (Lc 2, 51), ponderando-as e meditando-as, fazendo de cada uma ocasião e tema do seu diálogo ininterrupto com Deus.

[Voltar ao índice](#)

As bodas de Caná

Depois de terminado o longo período que viveu em Nazaré, o Senhor começou a pregar a chegada do reino de Deus. Todos os evangelistas recolhem o primeiro ato desta nova etapa: a recepção do batismo que o Precursor administrava às margens do Jordão. No entanto, só São João destaca a presença da Virgem Maria nos começos da vida pública de Jesus: *No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento (Jo 2, 1-2).*

Uma leitura rápida do texto leva a constatar, simplesmente, que Jesus realiza um milagre a pedido de sua Mãe. A celebração das bodas durava uma semana e, em uma pequena aldeia, como Caná, é provável que todos os habitantes participassem de um modo ou de outro nos festejos. Jesus se apresentou em companhia dos primeiros discípulos. Não é estranho que, com tantos assistentes, chegasse a faltar o vinho. Maria, sempre atenta às necessidades das pessoas, foi a primeira a perceber e comunicou a seu filho: *Eles não têm vinho (Jo 2, 3).* Depois de uma resposta, difícil de interpretar, Jesus atendeu ao pedido de sua Mãe e realizou o grande milagre da conversão da água em vinho.

No entanto, o que João deseja nos relatar não acaba aí. Ao escrever o seu Evangelho, no final de sua vida, iluminado pelo Espírito Santo, ele ponderou longamente sobre os milagres e ensinamentos de Jesus. Aprofundou no significado deste primeiro sinal e destaca o seu sentido mais profundo. Assim diz o recente Magistério pontifício, recolhendo as conclusões alcançadas pelos estudiosos da Sagrada Escritura nas últimas décadas.

A precisão cronológica com que o evangelista situa o acontecimento tem um profundo significado. Segundo o livro do Êxodo, a manifestação de Deus a Israel para fazer a aliança teve lugar três dias depois de ter chegado ao monte Sinai. Agora, *ao terceiro dia* desde o regresso à Galileia em companhia dos primeiros discípulos, Jesus vai manifestar sua glória pela primeira vez. Além disso, a glorificação plena de sua Santa Humanidade teve lugar ao terceiro dia depois da sua morte através da ressurreição.

Além do fato histórico das bodas, João enfatiza que a presença de Maria no princípio e no fim da vida pública de Jesus corresponde a um desígnio divino. O apelativo com que o Senhor se dirige a Ela em Caná – chamando-a de *mulher* em vez de *mãe* – parece indicar a sua intenção

de formar uma família baseada não nos laços de sangue, mas sobre a fé. Espontaneamente, recordamos que Deus se dirigiu a Eva no Paraíso do mesmo modo quando prometeu que o Redentor sairia de sua descendência (cfr. Gn 3, 15). Em Caná, pois, Maria descobre que a sua missão materna não se limita ao plano natural: Deus conta com Ela para ser Mãe espiritual dos discípulos do seu Filho, nos quais, desde esse momento, graças à sua intervenção junto a Jesus, começa a nascer a fé no Messias prometido. O próprio São João afirma esse significado ao final da narração: *Este início dos sinais, Jesus o realizou em Caná da Galileia. Manifestou sua glória, e os seus discípulos creram nele* (Jo 2, 11).

A maioria dos estudiosos afirma que essas bodas são um símbolo da união do Verbo com a humanidade. Os profetas o anunciaram: *quero concluir convosco uma eterna aliança (...). Nações que te ignoravam acorrerão a ti*, (Is 55, 3.5). E os Padres da Igreja tinham explicado que a água das talhas de pedra, *preparadas para as purificações dos judeus* (Jo 2, 6), representavam a antiga Lei, que Jesus ia levar à perfeição mediante a nova Lei do Espírito impressa nos corações.

A nova aliança, prometida no Antigo Testamento para os tempos messiânicos, anunciava-se com a imagem de um banquete de bodas com abundância de todo tipo de bens, especialmente o vinho. É significativo que, no relato de São João, precisamente o vinho alcance grande protagonismo: é mencionado cinco vezes, e se afirma que o que Jesus fez surgir com seu poder era melhor que o que começou a faltar (cfr. Jo 2,10). Também é notável o volume da água convertida em vinho: mais de 500 litros. Essa superabundância é típica dos tempos messiânicos.

“Mulher, para que me dizes isso? A minha hora ainda não chegou” (Jo 2, 4). Qualquer que seja o significado exato destas palavras (que, além disso, estariam marcadas pelo tom de voz, a expressão facial, etc.), fica claro que Nossa Senhora não perde a confiança no seu Filho: deixou a questão em suas mãos e dirige aos servos uma exortação – *fazei tudo o que ele vos disser* (Jo 2, 5) – que são as últimas palavras dela recolhidas no evangelho.

Nesta frase breve ressoa o eco do que o povo de Israel respondeu a Moisés quando, em nome de Deus, pedia o seu assentimento à aliança do Sinai: *faremos tudo o que o Senhor disse* (Ex. 19, 8). Aqueles homens e mulheres foram muitas vezes infiéis ao pacto com o Senhor; os servos de Caná, ao contrário, obedeceram com prontidão e plenamente. *Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água”! E eles as encheram até à borda. Então disse: “Agora, tirai e levai ao encarregado da festa”. E eles levaram.* (Jo 2, 7-8).

Maria depositou a sua confiança no Senhor e adianta o momento de sua manifestação messiânica. Precede na fé aos discípulos, que creram em Jesus depois de realizado o

prodígio. Deste modo, a Virgem Maria colabora com o seu Filho nos primeiros momentos da formação da nova família de Jesus. Assim parece sugerir o evangelista, que conclui sua narração com as seguintes palavras: *depois disso, Jesus desceu para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. Lá, permaneceram apenas alguns dias. (Jo 2, 12)*. Já está tudo preparado para que o Senhor, com o anúncio da Boa Nova, com as suas palavras e as suas obras, dê começo ao novo Povo de Deus, que é a Igreja.

[Voltar ao índice](#)

Junto à Cruz de Jesus

Passaram quase três anos desde o primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia. O Evangelho fala pouco da Virgem Maria, nesse lapso de tempo. Talvez, em algumas ocasiões fizesse parte do grupo de mulheres que acompanhavam o Senhor nos seus deslocamentos (cf. Lc 8, 1-3). Entretanto, os evangelistas só indicam a sua presença física uma vez: quando, em companhia de outros parentes que vieram para ver Jesus, não podendo entrar na casa onde se alojava por causa da multidão, pediram para lhe chamar. A resposta do Senhor foi eloquente: *“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”. E, correndo o olhar sobre a multidão, que estava sentada ao redor dele, disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”* (Mc 3, 33-35). Era o maior elogio a Nossa Senhora, a criatura que melhor que ninguém soube cumprir a Vontade do Pai celestial.

O silêncio dos Evangelhos faz supor – como expõe o Papa João Paulo II em uma das suas catequeses marianas – que a Virgem Maria não acompanhou cotidianamente a Cristo em suas viagens pela Palestina: seguia-O de longe, mesmo que unida espiritualmente a Ele em todos os momentos, com uma proximidade muito maior que a dos discípulos e das santas mulheres. No entanto, João mostra que ela estava em Jerusalém durante a última Páscoa do Senhor. Talvez fosse à Cidade Santa em outras festas semelhantes; mas o evangelista só o indica expressamente agora, e o faz no contexto do Sacrifício redentor. *Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena* (Jo 19, 25). Imediatamente nos transmite as palavras que o Senhor dirige à Mãe e a ele mesmo, que também estava ali; umas palavras de profundo significado.

Seria muito redutivo entender estas palavras de Cristo, no momento supremo da Redenção, como uma simples preocupação, por assim dizer, *familiar*: a do filho que encarrega alguém do cuidado de sua mãe. Encontramo-nos ante um dos fatos mais importante para entender o papel de Nossa Senhora na obra da salvação. Já em Caná, Jesus havia deixado claro que a missão materna de Maria em Nazaré, durante os anos da vida oculta, ia prolongar-se na nova família da Igreja. Os recentes estudos mariológicos – que foram incorporados ao Magistério ordinário da Igreja – ressaltam que estamos diante de uma “cena de revelação” típica do

quarto evangelho, o *evangelho dos sinais* por antonomásia. Jesus olha para Maria, dirige-se a Ela com o apelativo *Mulher*, como em Caná e, indicando o discípulo amado, diz: *Mulher, eis aí teu filho* (Jo 19, 26). Logo, olhando para João, acrescenta: *eis aí tua mãe* (Jo 19, 27).

Não chama Nossa Senhora nem São João pelo nome. Maria é a nova Eva que, em união com o novo Adão e subordinada a Ele, está chamada a prestar sua mediação materna na obra da redenção. E o evangelista encontra-se ali em qualidade de discípulo fiel, como representante de todos os que iriam crer em Jesus Cristo até o fim dos séculos. As palavras do Senhor – palavras de Deus e, por tanto, palavras criadoras como as do princípio do mundo – realizam o que significam. Desde esse momento, Maria é constituída Mãe de todos os que viriam à Igreja: *Mater Ecclesiae*, como a chamou Paulo VI ao finalizar o Concílio Vaticano II. Suas entranhas frutificaram com uma nova maternidade: espiritual, mas verdadeira; e dolorosa, porque naqueles momentos cumpria-se ao pé da letra a profecia de Simeão: *E uma espada transpassará a tua alma* (Lc 2, 35).

Também no coração do discípulo abriu-se caminho nesse mesmo momento a consciência de uma filiação – verdadeira, real – que lhe fazia irmão de Jesus e filho de sua mesma Mãe. Por isso acrescenta: *e dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa* (Jo 19, 27); quer dizer, introduziu-a no espaço da sua vida interior, acolheu-a – como verdadeira Mãe – entre seus bens mais preciosos. Desde esse instante, e até o momento da Dormição da Santíssima Virgem, João não se separou mais dela.

Só depois da entrega do discípulo à Mãe, e da Mãe ao discípulo, Jesus podia dizer que tudo está consumado, como relata expressamente São João. Logo, após manifestar sua sede – sede de almas –, para que se cumprisse a Escritura, Jesus clamou com voz forte: *consummatum est!* Tudo está consumado. *Inclinou a cabeça e rendeu o espírito* (Jo 19, 30).

[Voltar ao índice](#)

Sepultura de Cristo

Jesus estava morto desde as três da tarde: a hora em que se sacrificavam os cordeiros no templo para a ceia pascal já iminente. O quarto evangelho sublinha esse simbolismo desde os primeiros capítulos, quando – diante de um grupo de discípulos – põe na boca do Batista que, está indicando Jesus, estas palavras: *Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo (Jo 1,29)*. Maria permanecia ao pé da Cruz, com João e as santas mulheres. Não podia afastar-se desse lugar, com o olhar fixo em seu Filho. Faltavam-lhe ainda vários desgostos amargos, antes de poder depositar seu corpo no sepulcro.

Ao por do sol, perto das seis da tarde, já começava o sábado–que, naquele ano era muito solene, pois coincidia com a Páscoa dos hebreus. Não era conveniente que, numa festividade tão grande, os corpos dos condenados continuassem pendentes das cruzes. Por isso um grupo de notáveis dirigiu-se a Pilatos rogando-lhe *que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz (Jo 19, 31)*. O Procurador romano enviou alguns soldados com esse encargo penoso. Podemos imaginar o sobressalto de Maria quando viu aparecer no Calvário esse pelotão armado de maças e lanças. São João descreve a cena: *Quebraram as pernas, primeiro a um dos crucificados com ele e depois ao outro. Chegando a Jesus, viram que estava morto. Por isso, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado golpeou lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. (Jo 19, 32-34)*.

A lança atravessou o coração de Jesus já morto e feriu profundamente a alma de Maria, cumprindo a profecia de Simeão: *Uma espada traspassará a tua alma!* (cfr. Lc 2, 35). São João, testemunha ocular, viu neste episódio a realização de outras profecias; especialmente aquela referente ao cordeiro pascal: *Não quebrarão nenhum dos seus ossos (Jo 19, 36; cfr. Ex 12, 46)*. *E um outro texto da Escritura diz: Olharão para aquele que traspassaram (Jo 19, 37; cfr. Zc 12, 10)*.

O tempo urgia. José de Arimateia e Nicodemos, homens tementes a Deus e membros do Sinédrio, discípulos ocultos do Senhor, apresentaram-se diante de Pilatos pedindo com audácia que lhes concedesse o corpo do Senhor. Uma vez certificado da morte, Pilatos concedeu sua permissão. E então se apresentou José acompanhado de uma equipe de servos que levavam consigo escadas para baixar o corpo da cruz, vendas e um lençol grande.

Nicodemos foi também, e *ele trouxe uns trinta quilos de perfume feito de mirra e de aloés (Jo 19, 39): uma quantidade enorme de perfumes, digna da sepultura de um rei. Pegaram o corpo de Jesus e o envolveram, com os perfumes, em faixas de linho, do modo como os judeus costumam sepultar (Jo 19, 40).*

A piedade cristã deteve-se nesta passagem do Evangelho para contemplar com emoção e recolhimento a imagem de Maria com seu Filho morto em seus braços. É a célebre cena da *Pietà*, imortalizada na arte por inumeráveis pintores e escultores. Talvez tenha sido neste momento, olhando o corpo martirizado de Cristo, apenas limpo o indispensável, que a Virgem e as mulheres entoaram suas lamentações, como era habitual nos antigos povos do Oriente Médio e como é frequente ainda agora em muitos lugares. O Evangelho é parco em detalhes; porém, em antigos documentos da tradição, essa cena é detalhada, colocando na boca de Maria – como faz, por exemplo, São Efrém, no século IV – lamentações em que a Virgem expressa a sua dor, ao mesmo tempo em que adere totalmente à Vontade divina.

Por fim, colocaram o corpo de Jesus numa propriedade de José situada a poucos passos do Calvário. *Havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo, onde ninguém tinha sido ainda sepultado. Por ser dia de preparação para os judeus, e como o túmulo estava perto, foi lá que eles colocaram Jesus (Jo 19, 41-42). José de Arimateia rolou uma grande pedra na entrada do túmulo e retirou-se (Mt 27, 60).* Estava a ponto de começar o grande e solene sábado. No dia seguinte, apesar da festa, uma embaixada dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus pediu a Pilatos que pusesse uma guarda de soldados nesse lugar. Pilatos assentiu. *Então eles foram assegurar o sepulcro: lacraram a pedra e deixaram ali a guarda (Mt 27, 66).*

A fé em Jesus Cristo, o Messias e Filho de Deus, parecia ter acabado sobre a terra. Porém brilhava com força no coração de sua Mãe, que não havia esquecido a promessa de seu Filho: *Depois de três dias vou ressuscitar (Mt 27, 63).*

[Voltar ao índice](#)

Ressurreição e Ascensão do Senhor

Ao amanhecer do terceiro dia, uma vez passado o sábado, Maria Madalena, Maria a mãe de Tiago e Salomé puseram-se a caminho para o sepulcro de Jesus. O amor as impulsionava a prestar os últimos serviços ao corpo morto do Senhor, que não puderam fazer na tarde de sexta-feira. Enquanto caminhavam, se perguntavam umas às outras: *Quem vai remover para nós a pedra da entrada do túmulo?* (Mc 16, 3). Era, de fato, uma espécie de roda de moinho que vários homens haviam colocado para fechar a sepultura.

Chama a atenção que os evangelhos não mencionem a Santíssima Virgem. Depois de ter anotado a sua presença ao pé da Cruz, a figura de Nossa Senhora não volta a aparecer até depois da Ascensão, quando São Lucas, no começo do livro dos Atos dos Apóstolos, assinala que Maria se encontrava no Cenáculo de Jerusalém, com os Apóstolos, as outras mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galiléia e vários de seus parentes (cfr. Atos 1, 12-14).

Este silêncio é muito eloquente. Maria, ao contrário de todos os outros, acreditava firmemente na palavra de seu Filho, que havia predito a sua ressurreição dos mortos ao terceiro dia. Por isso, desde a mais remota antiguidade, os cristãos pensaram que deve ter passado em vigília a noite do sábado para o domingo, esperando o momento em que Jesus iria cumprir sua promessa. Podemos pensar que, com a ajuda de João – que não se separava dela desde que a havia recebido por mãe ao pé da cruz –, dedicou as horas anteriores a reunir os discípulos do Mestre, tratando de fortalecê-los na fé e na esperança, especialmente os que tinham sido covardes naqueles momentos dolorosos.

Enquanto despontava o novo dia – que logo começaria a chamar-se *dies dominica*, dia do Senhor –, a Virgem se entregava mais e mais à oração. A fé e a esperança da Igreja nascente estavam concentradas nela. E esse sentir comum que a primeira aparição do Senhor ressuscitado foi para sua Mãe: não para que tivesse fé, mas como prêmio da sua fidelidade e consolo em sua dor. Depois, com o passar das horas, a notícia correu de boca em boca: primeiro entre os discípulos, a quem as mulheres que foram ao sepulcro comunicaram; e depois a círculos cada vez mais amplos.

No entanto, em Jerusalém os ânimos estavam exaltados; a crucificação de Cristo não havia acalmado o ódio dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos. Sobre os Apóstolos pendia um

sério perigo: o de serem acusados de roubo e ocultação do cadáver. Talvez por esta razão, os anjos recordaram às mulheres – para que comunicassem aos discípulos – o que o próprio Jesus lhes havia dito antes da paixão: que fossem para a Galiléia (cfr. Lc 24, 8).

Aquele primeiro domingo esteve cheio de idas e vindas ao sepulcro vazio. Finalizou com a aparição de Jesus aos Apóstolos no Cenáculo, à que se seguiria outra no mesmo lugar, uma semana depois (cfr. Jo 20, 19 ss). Logo deveriam empreender a viagem à Galiléia, com Maria entre eles, pelos caminhos percorridos outras vezes com Jesus em alegre companhia.

À espera das manifestações do Mestre, os Apóstolos voltaram a seu trabalho de pesca (cfr. Jo 21, 1 ss) enquanto a Virgem, provavelmente alojada na casa de Cafarnaum onde antes havia vivido, seguia fortalecendo a todos na fé e no amor.

Pouco a pouco os ânimos hostis se aplacaram, os Apóstolos e os discípulos viram fortalecida sua fé na ressurreição: de cada encontro com o Senhor – os evangelhos nos relatam só alguns – saíam eufóricos, alegres, otimistas, voltados para o futuro. Até que, num momento determinado, Jesus reuniu os mais íntimos em Jerusalém para dar-lhes os últimos ensinamentos e recomendações, porque a partida definitiva se aproximava.

Foi numa tarde, depois de tomar juntos a última refeição. No cimo ou nas ladeiras do Monte das Oliveiras, com Jerusalém a seus pés, tiveram a última reunião em família com o Mestre. Talvez os seus corações se encolhessem um pouco, pensando que já não o veriam mais. Porém o próprio Senhor adiantando-se, lhes assegurou que continuaria com eles de um novo modo (cfr. Mt 28, 20).

Disse-lhes que não se afastassem de Jerusalém, *mas esperai a promessa do Pai* (At 1, 4), e logo subiu aos Céus para participar do senhorio de Deus em sua Humanidade Santíssima. São Lucas conta a cena com detalhes: *Então Jesus levou-os para fora da cidade, até perto de Betânia. Ali ergueu as mãos e abençoou-os. E enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi elevado ao céu. Eles o adoraram. Em seguida voltaram para Jerusalém, com grande alegria* (Lc 24, 50-52). Tinham consigo a Mãe de Jesus, que era também Mãe de cada um deles. E, rodeados em volta dEla, aguardaram a chegada do Espírito Santo prometido.

[Voltar ao índice](#)

A vinda do Espírito Santo

Depois da Ascensão de Jesus Cristo aos Céus, as testemunhas daquele fato maravilhoso *voltaram para Jerusalém, à distância que se pode andar num dia de sábado. Entraram na cidade e subiram para a sala de cima onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago. Todos eles perseveravam na oração em comum, junto com algumas mulheres – entre elas, Maria, mãe de Jesus – e com os irmãos dele (At 1, 12-14).*

Cumpriam o mandato de Jesus, que havia dito que esperassem na Cidade Santa o envio do Consolador prometido. Foram dez dias de espera, todos ao redor de Maria. Como é humanamente lógico o que nos conta a Sagrada Escritura! Tendo perdido a companhia física de seu Mestre, os mais íntimos se reúnem em torno da Mãe, que lhes recordaria tanto a Jesus: nas feições, no tom de voz, no olhar carinhoso e maternal, nas delicadezas do seu coração e, acima de tudo, na paz que derramava ao redor.

Além dos apóstolos e das santas mulheres, encontramos os parentes mais próximos do Senhor, esses mesmos que antes haviam duvidado dEle, e que agora, convertidos, se reúnem ao redor da Virgem de Nazaré.

É fácil imaginar a vida naquele Cenáculo, que devia ser amplo para acolher a muitas pessoas. Os dados da tradição não permitem saber com certeza de quem era a casa, embora duas hipóteses pareçam mais seguras: ou era a casa da mãe de Marcos, o futuro evangelista, a que o texto sagrado se refere mais adiante (cfr. At 12, 12), ou poderia ser a casa que a família de João Evangelista tinha na Cidade Santa. Em qualquer caso, a oração unânime dos discípulos com Maria produziu imediatamente um primeiro resultado: a eleição de Matias para ocupar o lugar de Judas Iscariotes. Depois de completado o número dos doze Apóstolos, continuaram rezando esperando a efusão do Espírito Santo que Jesus havia prometido.

Mas nem tudo era rezar: deviam lidar com muitas tarefas; apesar de que, no fundo, tudo o que faziam era oração, porque a sua mente estava continuamente com Jesus e tinham Maria com eles. Podemos imaginar as conversas – verdadeiras tertúlias – com Nossa Senhora. Agora que eles tinham visto Jesus ressuscitado e contemplaram a sua Ascensão ao Céu, desejavam saber de muitos detalhes da vida – também da infância – do seu Mestre. E ali estava Maria,

evocando aquelas lembranças sempre vivas no seu coração: o anúncio de Gabriel nos anos já distantes de Nazaré, o noivado com José – a quem muitos deles não puderam conhecer – o nascimento em Belém, a adoração dos pastores e dos magos, a fuga para o Egito, a vida de trabalho na casa de Nazaré... As palavras de Maria ofereciam tantos temas à oração dos discípulos! Devem ter visto todos os acontecimentos vividos junto ao mestre, em seus três anos acompanhando-o pelas terras da Palestina com uma nova luz! Junto de Maria, a Virgem fiel, a sua fé, a esperança e amor cresciam: era a melhor preparação para receber o Paráclito.

Por fim, ao cumprirem-se os dias de Pentecostes, *veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se (At 2, 2-4).*

A maravilha do acontecimento chegou à multidão que havia em Jerusalém: *partos, medos, elamitas, os que habitam a Macedônia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia, a Frígia, a Panfília, o Egito e as províncias da Líbia próximas a Cirene, peregrinos romanos, judeus ou prosélitos, cretenses e árabes, ouvimo-los publicar em nossas línguas as maravilhas de Deus! (At 2,9 ss.).* Pedro falou à multidão, inspirado pelo Espírito Santo. Depois chegaria a dispersão dos Apóstolos pela Galileia, Samaria e até os confins da terra, levando a todos os lugares a boa nova do Reino de Deus.

Maria agradecia a Deus a conversão daquelas primícias da pregação apostólica, e a incontável multidão de fiéis que viriam à Igreja com passar dos séculos. Todos cabiam no seu coração de mãe, que Deus tinha lhe dado no momento da encarnação do Verbo e que Jesus tinha confirmado no o madeiro da Cruz, na pessoa do discípulo amado.

[Voltar ao índice](#)

Dormição e Assunção

Os últimos anos de Maria na terra – os que passaram desde o dia de Pentecostes até a Assunção – ficaram envolvidos numa neblina tão densa que não é possível entrevê-los e menos ainda penetrar neles. A Sagrada Escritura cala, e da Tradição recebemos apenas ecos longínquos e incertos. A sua vida transcorreu calada e laboriosa: como uma fonte oculta que dá aroma às flores e sabor aos frutos. A liturgia, com palavras da Sagrada Escritura a chama de *Hortus conclusus, fons signatus* (Ct 4, 12): jardim fechado, fonte selada. E também: fonte de água viva, riacho que corre do Líbano (Ct 4,15). Assim como quando estava junto de Jesus, passou despercebida, velando pela Igreja nascente.

É certo que, sem dúvida, viveu junto de São João, já que tinha sido confiada aos seus cuidados filiais. E São João, nos anos seguintes ao Pentecostes, morou habitualmente em Jerusalém: o encontramos ali sempre ao lado de São Pedro. Na época da viagem de São Paulo, na véspera do Concílio de Jerusalém, ao redor do ano 50, o discípulo amado aparece entre *as colunas da Igreja*. Se Maria ainda estivesse ao seu lado, deveria ter ao redor de 70 anos, como afirmam algumas tradições: a idade que a Sagrada Escritura considera a da plena maturidade humana. Mas o lugar de Maria estava no Céu. Onde o seu Filho a esperava. E assim, num dia desconhecido para nós, Jesus levou-a consigo à glória celestial. Ao declarar o dogma da Assunção de Maria, em 1950, o Papa Pio XII não quis resolver se Nossa Senhora morreu e imediatamente depois ressuscitou, ou se foi diretamente ao Céu sem passar pelo momento da morte. Atualmente, como nos primeiros séculos, a maioria dos teólogos pensa que ela também morreu, mas – da mesma forma que Cristo – a sua morte não foi um tributo ao pecado – ela era a Imaculada! – mas para ficar mais parecida a Jesus. E assim, desde o século VI, o Oriente começou a celebrar a festa da Dormição de Nossa Senhora: um modo de expressar que foi uma passagem mais parecida ao sonho que à morte. Deixou esta terra – como dizem alguns santos – transportada pelo amor.

Os escritos dos Padres e autores sagrados, principalmente a partir dos séculos IV e V, oferecem detalhes sobre a Dormição e Assunção de Nossa Senhora baseados em alguns relatos do século II. De acordo com estas tradições, quando Maria estava prestes a abandonar este mundo, todos os Apóstolos – exceto São Tiago maior, que já tinha sido

martirizado, e Tomé, que estava na Índia – se reuniram em Jerusalém para acompanhá-la nos seus últimos momentos. E numa tarde branca e serena fecharam os seus olhos e depositaram o seu corpo num sepulcro. Poucos dias depois, quando São Tomé, que chegou atrasado, insistiu em ver o corpo da Virgem Maria. Encontraram a sepultura vazia, enquanto ouviam cânticos celestiais.

À margem dos elementos de verdade destes relatos, o que é verdade é que a Virgem Maria, por um privilégio especial de Deus Onipotente, não experimentou a corrupção: o seu corpo, glorificado pela Santíssima Trindade, foi unido à alma, e Maria foi assunta ao Céu, onde reina viva e gloriosa, junto de Jesus, para glorificar a Deus e interceder por nós. Foi o que o Papa Pio XII definiu como dogma de fé.

A pesar do silêncio da Escritura, uma passagem do livro do Apocalipse deixa entrever esse final glorioso de Nossa Senhora. *Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas* (Ap 12,1). O magistério vê nesta cena, não só uma descrição do triunfo final da Igreja, mas também uma afirmação da vitória de Maria (tipo e figura da Igreja) sobre a morte. É como se o discípulo que tinha cuidado de Nossa Senhora até a sua ida ao Céu, tivesse querido deixar constância – de modo delicado e silencioso – deste fato histórico e de salvação que o povo cristão, inspirado pelo Espírito Santo, reconheceu e venerou desde os primeiros séculos.

E nós, animados pela liturgia da Missa da véspera desta festa, aclamamos a Nossa Senhora com estas palavras: *gloriosa dicta sunt de te, Maria, quæ hodie exaltata es super choros angelorum* : bem aventurada és Maria, porque hoje foste elevada sob os coros dos anjos e, juntamente com Cristo, alcançou o triunfo eterno.

[Voltar ao índice](#)

Rainha e Senhora do Universo

A coroação da Virgem Maria como Rainha e Senhora do universo é a última pedra dos privilégios concedidos à Santa Maria. Era sobrenaturalmente lógico que a Mãe de Deus, uma vez assunta em corpo e alma à glória do Céu, fosse exaltada pela Santíssima Trindade acima dos coros dos anjos e de toda a hierarquia dos santos. *Mais que Tu, só Deus*, exclama o povo cristão.

Um salmo de especial relevo messiânico conta a glória do rei e, unida a ele, a glória da rainha. *Tu és o mais belo dos homens, nos teus lábios se espalha a graça, por isso Deus te abençoou para sempre (...). O teu trono, ó Deus, dura para sempre, é cetro justo o cetro do teu reinado (Sal 44[45] 3-7).* Imediatamente, o salmista se dirige à rainha. *Ouve, filha, inclina o ouvido, esquece teu povo e a casa de teu pai; que agrade ao rei a tua beleza. Ele é teu senhor: curva-te diante dele (...). Entra com todo esplendor a filha do rei, tecido de ouro é seu vestido; é apresentada ao rei com preciosos bordados, com ela as damas de honra a ti são conduzidas; guiadas em alegria e exultação, entram juntas no palácio real (Ibid., 11-16).*

A liturgia aplica este salmo a Cristo e a Maria na glória celestial. Esta interpretação se fundamenta em alguns textos do Evangelho que se referem explicitamente à Virgem Maria. Na Anunciação, São Gabriel lhe revela que seu Filho *reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim (Lc 1, 33).* Vai ser a mãe de um filho que, no mesmo instante de sua concepção como homem, é Rei e Senhor de todas as coisas; Ela, que o dará à luz, participa de sua realeza. O mesmo afirma Santa Isabel, que iluminada pelo Espírito Santo, confessa em alta voz: *Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar? (Lc 1, 43).* Também São João evangelista, numa grande visão do Apocalipse, descreve *uma mulher vestida com o sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas (Ap 12, 1).* Segundo a liturgia e a tradição da Igreja, essa mulher é Maria, vencedora com Cristo sobre o dragão infernal e entronizada como Rainha do Universo.

O povo cristão confessou sempre esta suprema glória de Maria, partícipe da realeza de Cristo. Como Ele, Nossa Senhora a tem por nascimento (é a mãe do Rei) e por direito de conquista (é sua fiel companheira na redenção). Em suas mãos o Senhor pôs os méritos superabundantes que ganhou com a sua morte na Cruz, para que os distribua segundo a

Vontade de Deus.

A realeza de Maria é uma verdade consoladora para todos os homens, especialmente quando nos sentimos merecedores do castigo divino, como justa punição dos pecados. A Igreja nos convida a recorrer a ela, nossa Mãe e nossa Rainha, em todas as nossas necessidades. Ser Mãe de Deus e Mãe dos homens é o fundamento sólido da filial confiança em sua intercessão poderosa, que nos conforta e nos impulsiona a levantar-nos de nossas quedas.

Ao finalizar estas meditações a invocamos com as palavras de uma antiga oração: *Salve, Regina, Mater misericordiæ; vita, dulcedo, spes nostra, salve!* Salve, Rainha, Mãe de misericórdia.... *Ad te clamamus, exsules filii Evæ. Ad te suspiramus, gementes et flentes...* Coloquemos Nela toda nossa confiança, porque uma mãe escuta sempre as súplicas de seus filhos. *Recordare, Virgo Mater Dei* —lhe dizemos—, *dum steteris in conspectu Domini, ut loquaris pro nobis bona* (cfr. Jr 18, 20). Ela fala sempre bem de nós diante do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e alcança do Senhor as coisas boas de que necessitamos. Sobretudo, a graça da perseverança final, que nos abrirá as portas do Céu: *Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.*

[Voltar ao índice](#)

© Copyright
Escritório de Informação
do Opus Dei, 2017

www.opusdei.org.br